

Resenha

BRAGA, Antônio Mendes da Costa. *Padre Cícero*, sociologia de um Padre, antropologia de um Santo. Bauru, SP: EDUSC, 2008, 366p.

*José Rogério Lopes**

O livro resulta da tese de doutorado defendida pelo autor no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFRGS e apresenta a análise de trajetória elaborada pelo mesmo sobre a biografia de Padre Cícero e a construção-renovação de um modelo de santidade em torno da sua figura, entre romeiros que o veneram.

A proposta do livro, assim como a da tese, se assumiu como tarefa difícil, em vista da vasta e importante bibliografia sobre a questão. Porém, a estratégia de Braga em escrever desde uma perspectiva bakhtiniana de “autor” (onde sua voz vai sendo povoada das outras vozes dos sujeitos com quem interagiu, de pesquisadores a romeiros – e essa é uma percepção minha), o colocou em situação de sintetizar muitas elaborações importantes e contribuir de maneira séria e consistente para o entendimento do significado que emana da relação entre o sujeito e os fenômenos constituídos à sua volta.

E começo a interpretar sua elaboração desde o último comentário do livro: “[...] quando visto de dentro das romarias e a partir delas, o santo de Juazeiro aparenta ser ao mesmo tempo um só santo e muitos santos” (p. 345). Parafraseando esse comentário, poderia afirmar que se trata aqui de um só livro e de muitos livros. Isso se explicita já na introdução, entre hipóteses, interesses e buscas que anuncia, e segue nos nove capítulos e na conclusão.

A organização do livro está marcada por um duplo registro, com recortes complementares: um biográfico, cujo marco extensivo é descritivo-analítico (a sociologia de um Padre); outro de orientação etnográfica, com uma não menos extensiva documentação histórica dos eventos pesquisados, que é questionada regularmente pela dinâmica do presente, através da configuração analítica de

* Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP, professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNISINOS. Correspondência para/Correspondence to: José Rogério Lopes, PPG Ciências Sociais, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Av. Unisinos, 950, Cristo Rei, CEP 93022-000, São Leopoldo, RS, Brasil. E-mail: <jrlopes@unisinos.br>.

uma territorialidade devocional diversificada, em Juazeiro, e as representações atribuídas ao santo pelos romeiros.

Este duplo registro, pela satisfatória integração que oferece, permite ao leitor tornar-se também espectador da vida do protagonista no seminário e na paróquia cearenses, da segunda metade do século XIX à primeira do XX; dos sonhos e dos milagres ocorridos; dos arranjos locais em torno da convergência nacional entre religião e política; e das romarias a Juazeiro, até a atualidade, filtradas pelo olhar do antropólogo. Nesse sentido, o autor desenvolve uma capacidade descritiva e interpretativa que depura uma realidade em movimento, exercitando uma *coetaneidade* com os sujeitos de sua pesquisa, na forma como Johanes Fabian (2006) a sugere: um compartilhamento de espaços e tempos com a experiência do outro, objetivada como descrição etnográfica. E importa registrar que Braga persegue essa coetaneidade por cinco anos de pesquisa, tornando-a extensiva em um tempo de produções acadêmicas em que predomina uma economia do trabalho de campo.

O resultado dessa dedicação é consistente e convincente na forma como combina o método de investigação com o método de exposição. Desde uma perspectiva sociológica que mergulha na biografia do padre Cícero, desenvolvida do capítulo um ao cinco, o autor mostra que se trata de uma figura formada na cultura católica popular bíblica missionária, que apreende os modelos normativos eclesiásticos de sua época e contexto. Aos poucos, vai se configurando o perfil de um sujeito que vive entre duas mundividências, aprendendo a sintetizá-las e expressá-las desde um lugar próprio. Nesse primeiro momento, a ênfase recai no lugar de um padre, em um sertão nordestino onde explodem precarizações e tragédias ambientais em relação profunda. Definido desde esse lugar, o padre torna-se um mediador – inclusive, explicitando a trajetória de seus próprios deslocamentos sociais – e as influências missionárias pietistas, mas também as reformadoras eclesiásticas que recebe, aparentam não produzir contradições em suas ações.

Mas, o sacerdote virtuoso que opera mediações entre a religião e a política, que se pensa um tradutor entre as demandas e mundividências populares e as eclesiásticas e governamentais, começa a viver experiências oníricas e hierofânicas ricas em simbologia, que transformam sua consciência e o caráter de sua liderança religiosa. Ou seja, de um mediador entre outros, de sua época e

contexto, torna-se um ator religioso privilegiado, em torno do qual gravitam eventos que se orientam pela sua intervenção.

A estratégia do autor, em expor detalhadamente os episódios do sonho com o Sagrado Coração de Jesus e do milagre da hóstia que sangra, que envolvem Padre Cícero, como interstícios narrativos nessa análise sociológica inicial, emerge como *poiesis* liberadora de sentidos e permite enredar o “campo de possibilidades” que se abre na própria análise de sua trajetória. E embora concorde com a estratégia adotada por Braga para analisar esses episódios, interpretando-os como revelações oníricas e experiências místicas reservadas ao sacerdote, que necessita decidir entre aceitar o acontecimento milagroso ou negá-lo, como queria a hierarquia eclesiástica da época, importa destacar que essa é uma referência amplamente recorrente no universo cultural popular e étnico da época de Padre Cícero e de outras, anteriores e posteriores a ele. Pensando com outros registros etnográficos, sonhos e milagres são “elementos” de força que conduzem à apropriação e legitimação de um poder mágico, na condição de verdades formulares com referência à tradição. Esses registros tornam bem plausível que os sonhos do Padre sejam uma estratégia de difusão dos princípios romanizados do catolicismo, em parábolas populares, como mostrou também José Maria Tavares de Andrade (1976), em suas análises sobre as construções mitológicas no nordeste brasileiro.

E não se trata aqui de pensar que o Padre manipula o imaginário religioso e político local, de forma consciente, senão que ele incorpora as contradições de sua formação e atuação sacerdotal e as expressa da forma possível, no horizonte religioso em que se move. Como afirma o ex-orientador de Braga, no prefácio do livro, são movimentos de continuidades e descontinuidades que aparecem na relação entre mito e prática e se sintetizam na mediação privilegiada operada por Padre Cícero, tornando-a mítica também.

Padre Cícero não se torna santo perseguindo um projeto de santidade, mas se faz santo em uma síntese das circunstâncias em que se move e que se movem em torno dele, após o milagre da hóstia que sangra, dadas nas dimensões sociais expressas em seu contexto, em torno de tradições e modernizações. A leitura do livro sugere pensar que Padre Cícero amplia seu campo de influências para além do religioso, incorporando o valor econômico e a ação política para realizar seus propósitos. Buscando unir representações milenaristas com

atuação político-partidária e governamental, intervenções locais com influências estruturais, virtudes sacerdotais com *habitus* modernizadores, vida austera com agenciamento de recursos comunitários e estatais em prol de uma comunidade de fiéis, o padre recombina os modos de dominação prevaletentes nesse contexto e constrói uma rede de relações sociais marcadas por permutas que vão além das econômicas, ao instaurar um parentesco espiritual com seus romeiros, sujeitos subordinados a uma estrutura coronelista expropriadora.

Esse compadrio espiritual vai ser reforçado por anos de romaria, do final do século XIX ao começo do XX, passando por transformações de forma e conteúdo, de maneira que o antropólogo necessita recorrer à história para compreender os registros vivos e renovadores do modelo de santidade em torno do Padrinho Cícero e do Juazeiro.

A segunda parte de seu livro, então, registra essa busca, evidenciando que a crença nessa santidade se reproduz em condições de pobreza, de forma que as contradições que afetam a segunda afetam também a primeira, sem recorrer a análises mecanicistas. Trata-se de compreender a forma como um mito se fixa em um território de relações e ganha autonomia, constituindo uma “alteridade íntima” para os romeiros, uma gênese que funde *corporeidade religiosa e territorialidade devocional*: Padrinho Cícero e Juazeiro do Norte são representações sagradas que se renovam nos fluxos de romarias e romeiros, fazendo explodir uma imagética religiosa variada que presentifica a santidade e torna o cotidiano do lugar em um campo devocional profundamente memorial e encantado, em constante renovação.

E as análises do antropólogo mostram que não se trata de um sagrado manifesto, mas de “[...] uma ação que torna algo sagrado” (p. 381). Ou seja, em Padre Cícero e no Juazeiro, a santidade é fabricada e reconhecida pelos devotos. O santo que os romeiros reconhecem não é o Padre Cícero inicial, mas aquele que, acreditando no milagre da hóstia que sangra, acreditou na possibilidade do milagre e contrariou a versão eclesiástica que o negava. Tal fabricação envolveu, neste caso, uma situação que deve ser movimentada em análise: o milagre gerou um campo de conflitos que opôs atores em torno de sua legitimidade. Aqueles que experienciaram o milagre como uma “corporeidade manifesta” (uma alteridade íntima) e aqueles que o vivenciaram desde uma alteridade distinta.

Nessa oposição, os movimentos e intervenções dos que se situaram na segunda posição foram importantes para produzir os movimentos dos primeiros, que convergiram na fabricação da santidade do Padrinho Cícero. E é essa compreensão de Braga que contribui para o entendimento de tantas imbricações e porosidades entre política e religião, na experiência brasileira: sem desprezar a importância de estudar as lideranças religiosas em um campo social de significados que indissocia sujeitos e eventos, as intervenções do poder, em suas variadas formas e contextos, estão na gênese das fabricações dos modelos de santidade popular.

Referências bibliográficas

ANDRADE, José Maria Tavares de. *Les "histoires de saints", mythologie d'aujourd'hui au Brésil*. Tese (Doutorado em Antropologia), Université Paris III, IHEAL, 1976.

FABIAN, Johanes. A prática etnográfica como compartilhamento do tempo e como objetivação. *Mana*, Rio de Janeiro, vol. 12, nº 2, 2006, p. 503-520.

Recebido em 01/02/2010, aprovado em 12/09/2010.